

UMA ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DA PATERNIDADE/MATERNIDADE A PARTIR DA TEOLOGIA BONHOEFFERIANA

*A BIBLICAL-THEOLOGICAL ANALYSIS OF FATHERHOOD/MOTHERHOOD
FROM A BONHOEFFERIAN THEOLOGY PERSPECTIVE*

Me. Marcelo Dantas da Silva Júnior¹

Dr. Rainerson Israel Estevam de Luiz²

Dr. Valtair A. Miranda³

RESUMO

Pesquisas têm demonstrado uma queda na taxa de natalidade ao longo das décadas. Uma das causas tem sido o desinteresse, cada vez mais latente, entre jovens adultos em ter filhos. Dentro desse cenário, muitos cristãos têm se perguntado qual deve ser o posicionamento daqueles que professam o cristianismo. Mais especificamente, a questão paira sobre a obrigatoriedade da procriação. O texto bíblico ordena os seres humanos a gerar filhos ou não? A fim de responder essa pergunta, este trabalho utiliza como um de seus fulcros epistemológicos o pensamento desenvolvido por Dietrich Bonhoeffer. O teólogo alemão traz contribuições interessantes para a temática e aponta um caminho de paz (não tão convencional para alguns) como forma de compreender o texto de Gn 1.28.

Palavras-chave: Bonhoeffer. Procriação. Gênesis 1.28. Ética.

ABSTRACT

Research has shown a decline in the birth rate over the decades. One of the causes has been the increasingly latent lack of interest among young adults in having children.

¹ Doutorando em Teologia (EST), Mestre em Engenharia (UFRJ). Pesquisador bolsista da CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0887-5421> E-mail: dantasteologizando@gmail.com.

² Doutor em Teologia (PUC-RJ). Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7027-6424> E-mail: rainerson@seminariosul.com.br.

³ Pós-doutor em Cognição e Linguagem (UENF), Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e Doutor em História (UFRJ). Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4556-2253> E-mail: valtairmiranda@gmail.com.

Within this scenario, many Christians have asked themselves what the position of those who profess Christianity should be. More specifically, the question revolves around the obligation of procreation. Does the biblical text command human beings to have children or not? In order to answer this question, this paper uses as one of its epistemological fulcrums the thought developed by Dietrich Bonhoeffer. The German theologian makes interesting contributions to the topic and points out a path of peace (not so conventional for some) as a way of understanding the text of Gn 1:28.

Keywords: Bonhoeffer. Procreation. Gn 1.28. Ethics.

INTRODUÇÃO

“Ter ou não ter filhos?”, eis uma pergunta fundamental diante da qual casais contemporâneos se encontram. Pode parecer inicialmente trivial para as famílias do século passado responder a esta inquietação contemporânea, mas para o nosso *sitz im leben*, não. Em uma matéria recente da BBC, intitulada *The adults celebrating child-free lives*, nos deparamos face a face com a realidade crescente de jovens e adultos que não querem ter filhos por diferentes motivos.⁴ Duas pesquisas mencionadas no artigo apeteem a nossa discussão. A primeira pesquisa foi realizada pela Pew Research Center em 2021 e revelou que 44% de “non-parents” (os que ainda não são pais) com idades que variam de 18 a 49 anos não pensam que terão filhos.⁵ Outra pesquisa interessante realizada em 2020, apontou que mais da metade dos britânicos entre 35 e 44 anos não tiveram filhos e não planejam fazê-lo.⁶

Segundo Tomás de Aquino, tudo é teologizável porque tudo diz respeito ao Criador e justificador de todos os entes.⁷ Diante dessa sensibilidade hipermoderna, em que se pesam percepções hedonistas e individualistas, a teologia cristã deve ser resposta apologética, no sentido tillichiano, e não legalista. Não enfrentar teologicamente esse tema de suma importância para a sociedade contemporânea é se furtar da responsabilidade de responder às interpelações de nosso tempo. Foi pensando nisto que este artigo foi construído. Ao se debruçar sobre a densa tradição cristã a respeito da sexualidade humana (que é relacional, mas também procracional), direcionando mais focalmente a lente nas percepções bonhoefferianas, buscou-se compreender o “frutifiquem-se e multipliquem-se e encham a terra” na perspectiva de uma bênção de Deus para a humanidade e não de uma ordem inexoravelmente maquinal.

Para tal intento este trabalho está fragmentado em três importantes momentos conectados à pergunta se a paternidade/maternidade é uma ordem ou uma bênção divina em perspectiva da teologia bíblica. No primeiro momento as nossas lentes focaram na tradição dos nossos pais teológicos, a saber, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, no campo da teologia católica; Lutero e Calvino, no campo da teologia protestante. Ao se fazer essa investigação histórico-sistemática observamos a influência da nossa teologia ancestral e, do encurtamento da mesma (no que diz respeito a sexualidade humana), no evangelicalismo brasileiro que transpõe teologias para o século XXI, prescindindo-se de uma exegese histórica e de uma resposta sistemática que fale aos ouvidos deste tempo.

No segundo momento analisamos o *corpus* bonhoefferiano a partir da tríade pericorética em seus escritos: discipulado, liberdade e comunhão dos santos. Apoiados nesta tríade absorvamos em nossa análise a graça preciosa (que se distingue da graça barata, isto é, da licenciosidade), a liberdade (pensada a partir da alteridade e de uma reprodução mimética da ação de Jesus) e a comunhão dos santos, na qual as relações horizontal e vertical são pensadas à luz de Jesus.

⁴ SAVAGE, Maddy. **The adults celebrating child-free lives**. Disponível em: The adults celebrating child-free lives - BBC Worklife. Acesso: 19 set. 23.

⁵ BROWN, Anna. **Growing share of childless adults in U.S. don't expect to ever have children**. Disponível em: More childless U.S. adults now say they don't plan to ever have kids | Pew Research Center. Acesso: 19 set. 23.

⁶ SAVAGE, Maddy. **Como a decisão de não ter filhos tem afetado a vida de casais**. Disponível em: Como a decisão de não ter filhos tem afetado a vida de casais - BBC News Brasil. Acesso: 19 set. 23.

⁷ AQUINO, Tomas de. **Suma Teológica**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2003, vol. 1, p. 147-148.

Na terceira parte, sem deixar de considerar as dimensões exegéticas, teológicas e éticas, procura-se responder a pergunta que motivou esse ensaio a partir do pensamento de Dietrich Bonhoeffer.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos algumas propostas aplicacionais para que o evangelismo brasileiro lide com a questão de maneira mais cristocêntrica.

1. O POSICIONAMENTO MAJORITÁRIO: DA PATRÍSTICA AO BRASIL DO SÉCULO XXI

O arcabouço intelectual das teologias brasileiras não surgiu *ex nihilo*. Pelo contrário, a temática da sexualidade matrimonial permeou de tal maneira o pensamento de importantíssimos pensadores cristãos ao longo da História da Igreja, que suas contribuições influíram e modelaram muito daquilo que hoje alguns entendem do assunto. Assim, ainda que de forma panorâmica, observar-se-á como alguns nomes de destaque da teologia ocidental lidaram com a problemática.

Se há um pensamento teológico com contribuição transgeracional, e que ainda hoje influencia o fazer teológico de muitos no Ocidente, este foi o de Agostinho de Hipona (talvez, o principal pensador da Patrística). Em “Dos bens do matrimônio, a santa virgindade”, pode-se encontrar grande parte da sua teologia de matrimônio. Para o bispo de Hipona, ainda que o elo existencial entre o esposo e a esposa esteja inexoravelmente preso ao amor, isso não lhes garante impecabilidade para coadunarem sexualmente. Em outras palavras: o sexo dentro do casamento só se justifica com fins procracionais.⁸ Assim, a relação sexual quando feita com a intenção de gerar filhos não seria pecaminosa. Qualquer coisa diferente disso seria pecado.

Tomás de Aquino, outro grande nome da teologia, pensava de forma semelhante a Agostinho. Para o doutor da igreja, a procriação “é a finalidade do matrimônio”, uma vez que garante a preservação da espécie humana. Entretanto, em oposição à teologia agostiniana, Aquino não acreditava na pecaminosidade do sexo sem intuito geracional. Longe disso, para ele a relação sexual dentro do casamento, que dentro de muitas teologias é um sacramento, era uma forma de antídoto, de remédio, dado por Deus para se combater as concupiscências da carne.¹⁰

Após a divisão político-religiosa dentro do Cristianismo, ocasionada pela Reforma Protestante (século XVI), novos baluartes intelectuais foram aduzidos pelas gerações de protestantes posteriores. Lutero e Calvino são bons exemplos. O primeiro ainda hoje é extremamente relevante dentro da teologia luterana,¹¹ e o segundo formatou as diretrizes daquilo que ficaria conhecida como “fé reformada”.¹²

Para o reformador de Wittenberg, a não ser que Deus agisse, de forma particular e específica, vocacionando um ente para o celibato, todo o homem deveria casar com uma mulher, e vice-versa. “Pois aí não se trata de uma livre escolha ou decisão, mas de algo necessário e natural: quem é homem tem que ter uma mulher, e quem é mulher tem que ter um homem”.¹³ Ora, se no caso do matrimônio Lutero apela a um tipo de Lei Natural, por consequência lógica, ele repete o mesmo raciocínio para a questão da procriação:

Pois a palavra de Deus “crescei e multiplicai-vos” não é um mandamento apenas, é mais do que um mandamento, é uma obra divina que não nos compete impedir ou abandonar. [...] Portanto, assim como Deus não ordena a ninguém que seja homem ou mulher, mas os cria como homem ou mulher, assim também não ordena que se multipliquem, mas cria as coisas de tal maneira que eles têm que se multiplicar [...], pois trata-se de algo da natureza e não da livre vontade.¹⁴

⁸ AGOSTINHO, S. **Dos bens do matrimônio, a santa virgindade**. São Paulo: Paulus, 2000. Ebook.

⁹ AQUINO, 2003, vol. 9, p. 62.

¹⁰ AQUINO, 2003, vol. 9, p. 90.

¹¹ LEPPIN, Volker. **Martin Luther: a late Medieval Life**. Michigan: Baker Academic, 2017. Ebook.

¹² DE WITT, John; JOHNSON, Terry; PORTELA, Solano. **O que é a fé reformada?** Recife: Os Puritanos, 2017, p. 5-6.

¹³ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, vol. 5, p. 162.

¹⁴ LUTERO, 1995, vol. 5, p. 162.

Parece claro que, para Lutero, não há a menor possibilidade de um casal decidir não ter filhos. Ainda que não use a palavra “pecado” para descrever a ação deliberada e intencional de se rejeitar a multiplicação, o simples fato de condicionar a procriação a algo para além de um mandamento, que expressaria a vontade plena de Deus para os seres humanos, dá a entender que, sim, Lutero possivelmente enxergaria como pecaminosa a decisão de um casal de não ter filhos.

Se por um lado Calvino divergiu teologicamente de Lutero em alguns pontos doutrinários, como a ceia do Senhor, por outro parece ter ocorrido uma aproximação significativa em relação ao tema da procriação. Em seu entendimento do texto de Gênesis, há uma clara demonstração de “que a intenção de Deus é que a raça humana se multiplique de fato por geração”.¹⁵ O pensamento de Calvino não encontra apenas pontos de contato com o reformador alemão, mas também com o doutor da Igreja. Em concomitância com Tomás de Aquino, o reformador de Genebra enxergava o matrimônio como um remédio dado por Deus contra a concupiscência da carne depois da Queda.¹⁶

O que importa é o seguinte: o que está em jogo aqui não são as razões pelas quais o matrimônio foi instituído, e, sim, as pessoas para quem ele é indispensável. Porque, se atentarmos para o primeiro matrimônio, perceberemos que ele não podia ser um antídoto contra uma doença, a qual ainda não existia, senão que foi instituído para a procriação de filhos. É verdade que, depois da Queda, este outro propósito foi acrescido.¹⁷

Assim, parece claro que os dois principais reformadores (Lutero e Calvino) enxergaram a procriação de filhos como um dos propósitos do casamento. Estes pensamentos, acoplados aos conceitos agostinianos e tomistas, estão dentro do evangelicalismo brasileiro hodierno. É possível observar em linhas denominacionais diferentes a mesma lógica fundante do passado.

Pode-se mencionar, a título de exemplo, o pastor batista Yago Martins, criador do canal do Youtube “Dois Dedos de Teologia”, que atua de maneira extremamente relevante nas plataformas digitais.¹⁸ No vídeo “É pecado não querer ter filhos?”, que teve mais de 127 mil visualizações, o pastor refletiu a opinião dos principais nomes da teologia ocidental do passado: o casal deve ter filhos. Entretanto, a fim de convencer sua audiência, Yago acrescenta uma base epistemológica característica dos defensores da obrigatoriedade procriacional na atualidade: o utilitarismo. “Recusar-se a ter filhos é recusar-se a exercer o domínio de Deus no mundo a nossa volta”, diz o pastor.¹⁹ Sua lógica se baseia no aumento quantitativo de evangélicos como meio de propagação da agenda cristã. Ou seja, quanto mais crianças nascerem de pais evangélicos e forem treinadas para serem agentes de Deus no mundo, maior será o número de cristãos no mundo e amplificada será influência dos evangélicos na sociedade. É uma espécie de utilitarismo apologético.

Outro caso interessante é o do presbiteriano Augustus Nicodemus, um dos principais pastores da atualidade e referência importante para muitos cristãos brasileiros. Em seu livro “Cristianismo facilitado”, no qual há claramente uma linguagem simples e popular, Nicodemus entra na questão da procriação de maneira objetiva e direta. Como dito, a obra não é um tratado exegético e nem um ensaio acadêmico, mas cumpre o papel de dialogar com as camadas populares dos evangélicos. Para o pastor, diferentemente de Yago, um casal que decide não ter filhos não comete pecado, mas essa não seria uma atitude sábia. Com o objetivo de sensibilizar o leitor, a retórica do texto desenvolve argumentos explicitamente utilitaristas, fazendo-o aquilatar como será a velhice de um casal que não possui descendentes.²⁰ Desta forma, o autor tenta persuadir o interlocutor em prol da procriação.

¹⁵ CALVINO, João. **Comentários em Gênesis**. Recife: CLIRE, 2018, vol. 1. Ebook.

¹⁶ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: UNESP, 2008, vol. 1, p. 383-384.

¹⁷ CALVINO, João. **Comentário à Sagrada Escritura: exposição de 1Coríntios**. São Paulo: Paracletos, 1996, p. 197.

¹⁸ O canal de Yago possui mais de 80 milhões de visualizações e mais de 792 mil inscritos.

¹⁹ MARTINS, Yago. **É pecado não querer ter filhos?** Youtube, 19 nov. 19. Disponível em: [É PECADO NÃO QUERER TER FILHOS? - YouTube](#). Acesso: 19 set. 23.

²⁰ NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo facilitado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2019. Ebook.

Indo na mesma direção, Josué Gonçalves, um dos pastores mais conhecidos das Assembleias de Deus (maior denominação evangélica do Brasil), não se posiciona explicitamente defendendo a pecaminosidade da rejeição à procriação. Todavia, assim como Nicodemus, Gonçalves cria um cenário bem negativo para os que rejeitam a maternidade e a paternidade. O utilitarismo também é uma das suas marcas argumentativas, mas ao contrário do reverendo presbiteriano, que apela a uma espécie de utilitarismo financeiro, o pastor assembleiano ancora-se no utilitarismo emocional. “É muito triste uma casa sem crianças, sem filhos”, “não há legado”, são frases utilizadas em defesa de uma continuidade genética.²¹ Assim, Gonçalves almeja sensibilizar o seu público em prol da procriação.

Por fim, mas não menos importante, é preciso observar a opinião do principal expoente do neopentecostalismo brasileiro: Edir Macedo. Destoando das opiniões citadas acima, Macedo e os líderes da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) advogam em prol da prosperidade financeira – a famosa teologia da prosperidade. A edição 732 da “Folha Universal”, jornal semanal da denominação, trouxe a manchete: “Sem filhos: pesquisa do IBGE mostra que casais sem filhos têm uma renda maior”.²² A reportagem visa claramente persuadir o leitor ao apresentar uma base de cálculos na qual se aduz a economia gerada por uma família que não tem filhos. A conclusão da reportagem é sintomática: “casais sem filhos economizam uma pequena fortuna”.²³ É verdade que não há uma proibição à procriação, mas claramente há um desincentivo.

Esse é o cenário no qual o evangelicalismo brasileiro está rodeado. Nesta questão, não há muita diferenciação entre as igrejas históricas e pentecostais. A singularidade está no pensamento neopentecostal, que age de maneira oposta. Como pensar fora dessa quase obrigatoriedade para se ter ou não filhos? Dietrich Bonhoeffer, teólogo alemão e mártir da Igreja, pode ajudar significativamente neste assunto. Assim, a próxima seção tratará a partir do seu prisma o tema em questão.

2. O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE BONHOEFFER

Uma das preocupações epistêmicas de Bonhoeffer ancorou-se na construção de uma teologia que fosse capaz de conectar a revelação transcendental, manifestada e encarnada no evento histórico Jesus, com as demandas e problematizações circunscritas à realidade espaço-temporal. Assim, temas como maternidade, paternidade, matrimônio e procriação não fugiram ao seu olhar analítico. Entretanto, será improvável entender o porquê dos seus posicionamentos se anteriormente não houver a captação de pelo menos três pontos-chave da sua teologia, que atuavam em uma espécie de *pericorese*²⁴ nos seus escritos: o discipulado, a liberdade e a comunhão dos santos.

O primeiro conceito, o discipulado, está diametralmente conectado ao entendimento de graça. Problematizando a questão e entrando nas minúcias de uma teologia prática, Bonhoeffer cria duas nomenclaturas para expor a relação entre graça e igreja. O primeiro grupo escolheu viver a vida dentro da igreja sem a total integralidade que o evangelho exige, sem o compromisso máximo instituído por Cristo. Em outras palavras, este grupo escolheu a si próprio como senhor e, por isso, vivem uma desvirtuação da verdadeira graça de Deus, vivem uma “graça barata”, que “em vez de justificar o pecador, justifica o pecado”.²⁵ Mas de qual forma isso ocorre? Bonhoeffer explica que

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesiástica, é a comunhão sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem a cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado.²⁶

²¹ GONÇALVES, Josué. **É pecado não querer ter filhos?** Facebook, 30 mar. 22. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=990095041627397>. Acesso: 19 set. 23.

²² TEIXEIRA, Jacqueline. **Revista Mandrágora**, v.18. n. 18, 2012, p. 62.

²³ TEIXEIRA, 2012, p. 62.

²⁴ Aqui a uma referência ao conceito trinitário estabelecido por João Crisóstomo, no século IV d.C., no qual há o entendimento de uma dança (*pericorese*) de comunhão e amor entre as pessoas da Trindade.

²⁵ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

²⁶ BONHOEFFER, 2016, p. 20.

O outro grupo possui uma realidade existencial oposta ao primeiro, e encara a experiência do evento Jesus como catalizadora de todo o seu ser. Não há aqui um desprezo pelo sacrifício de Cristo, pelo contrário, há o entendimento qualitativo do preço pago pelo Filho do Homem, preço de sangue, e que, por isso, em concomitância a Ele, há a necessidade de se pagar um preço existencial: a renúncia da sua própria vontade.²⁷ É como se todo aquele que com Ele se encontrasse no horizonte da existência, precisasse ter sua vida reconfigurada e formatada a partir Dele. Por isso, o discipulado é indispensável. Quem entende isso, compreende o valor da graça, e, por isso, vive sabe que ela é preciosa. Em suas palavras, o teólogo alemão lembra que

Essa graça preciosa porque chama ao discipulado; é graça porque chama ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao ser humano; é graça pois só assim dá vida ao ser humano; é preciosa porque condena o pecado; é graça porque justifica, perdoa o pecador. É preciosa sobretudo porque foi preciosa pra Deus, porque lhe custou a vida do seu Filho [...].²⁸

Para os dias atuais, como foi no passado, essa é uma mensagem indigesta. O discipulado ancorado na graça preciosa implode o pensamento autodependente e autossuficiente, subjuga a vontade do *self* e a condiciona à vontade de Cristo. O chamado ao discipulado é um pressuposto existencial para os que entenderam a graça preciosa.

Mas isso não poderia gerar algum tipo de legalismo, fundamentalismo ou fanatismo? É possível. Porém, como dito anteriormente, os conceitos-chave em Bonhoeffer só podem ser entendidos em conjunto. Por isso, o tema da liberdade é tão basilar em sua teologia.

O que é verdadeiramente ser livre? Jesus disse em João 14.6: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Um pouco antes em, João 8.32, falou: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, e mais à frente, em João 8.36, concluiu: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”. Existe um desencadeamento lógico inexoravelmente articulado pelas sentenças de Jesus. A liberdade só ocorre para aquele que O conhece. O cristão é um ente livre no mundo porque não apenas encontrou a verdade mas também por ela foi encontrado. É livre porque aprendeu a se relacionar com Aquele que se relacionou primeiro com o mundo. Há claramente uma relação estabelecida. Por isso, o teólogo alemão incorpora esse princípio ao seu fulcro teológico, e argumenta que não deve se compreender liberdade como algo capacitacional ou qualitativo, mas sim relacional.

[...] na linguagem bíblica, liberdade não é algo que o ser humano possua para si, mas de que ele dispõe para os outros. Nenhum ser humano é livre “em si”, quer dizer, num espaço vazio, do mesmo modo como pode ser musical, sábio ou cego. Liberdade não é uma qualidade da pessoa, nem uma capacidade, aptidão ou modo de ser que precisa de alguma maneira ser suscitada nela. Qualquer um que investigue o ser humano para achar nele a liberdade nada encontrará. Por quê? Porque liberdade não é qualidade que possa ser descoberta, uma possessão, uma presença, algo objetivo, também não é uma forma que se infunda em algo; porque liberdade é uma relação, e nada mais. E, de fato, uma relação entre duas pessoas.²⁹

Por isso, para Bonhoeffer, ser livre é reproduzir mimeticamente a ação de Jesus, que ensinou e demonstrou o significado da liberdade escolhendo, antes mesmo da constituição de espaço-tempo, relacionar-se com o ser humano. O ser humano só é livre quando é livre para o outro.³⁰ Essa é a mensagem do próprio evangelho. “Pelo fato de Deus em Cristo ser livre para a humanidade, por não guardar sua liberdade apenas para si, por isso só podemos conceber a liberdade como “ser livre para...”³¹

A estrutura epistêmica desse sentido de liberdade destrói as cadeias opressoras que qualquer construção legalista de discipulado possa estabelecer. Como também afirmou o filósofo Martin Buber, é “somente aquele que se volta para o outro homem enquanto tal e a ele se associa recebe neste outro o mundo. Somente o ser cuja alteridade, acolhida pelo meu ser, vive face a mim com toda densidade da

²⁷ BONHOEFFER, 2016, p. 21-22.

²⁸ BONHOEFFER, 2016, p. 21.

²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Criação e queda**. São Leopoldo: Sinodal, 2020, p. 66.

³⁰ BONHOEFFER, 2020, p. 66-67.

³¹ BONHOEFFER, 2020, p. 67.

existência é que me traz a irradiação da eternidade”.³² O cristão nascido de novo, regenerado, entende que, assim como o seu mestre buscou a relação com o ser humano, cabe a ele fazer o mesmo. Fora de Cristo e do seu discipulado, o que se vive é escravidão. Um exemplo disso é a estrutura social dos tempos pós-modernos, onde o *self* intenta viver para si, o que, por conseguinte, torna-o escravo de si mesmo. O egocentrismo e individualismo são completamente maximizados, e se relacionam em uma espécie de sistema fechado retroalimentador.³³

A necessidade de uma liberdade para o outro, para além de si, leva Bonhoeffer ao terceiro e último pilar de sua teologia: a comunhão dos santos. A temática comunitária é tratada pelo teólogo em duas obras famosas: a primeira, escrita em 1927 (mas publicada em forma de livro em 1930), “A comunhão dos santos”, foi sua tese de doutorado; a segunda, “Vida em comunhão”, foi publicada em 1939 em uma linguagem mais popular e tratando de temas mais práticos.

O estudioso Clifford Green, analisando a importância comunitária na teologia bonhoefferiana, afirma que para o teólogo alemão as “doutrinas teológicas como criação, pecado e revelação só podem ser totalmente compreendidas em termos de sociabilidade” (tradução nossa),³⁴ uma vez que “o conceito de pessoa, o conceito de comunhão e o conceito de Deus encontram-se em uma relação essencial e indissolúvel”.³⁵ Dessa forma, todo conceito de comunhão possui inter-relação com o próprio conceito cristão de pessoa.³⁶ Então, o que seria uma pessoa? Bonhoeffer define, a partir de categorias puramente teológicas, da seguinte maneira:

[...] o conceito de pessoa que é constitutivamente pressuposto pelo conceito de comunhão cristã, isto é, em termos teológicos, não se trata do conceito de pessoa do ser humano originário, mas do conceito de pessoa do ser humano posterior à queda e, portanto, daquele que não vive em comunhão intacta com Deus e os seres humanos, mas daquele que sabe o que é bom e mau.³⁷

Em outras palavras, o ser humano é definido como um ser histórico-social fragmentado na verticalidade com o transcendente e na horizontalidade com o seu semelhante. Assim, o conceito cristão de pessoa inexoravelmente está ancorado numa definição ético-relacional, na qual indivíduos e comunidades são pessoas que se relacionam,³⁸ e onde “a pessoa humana só surge na relação com a pessoa divina que a transcende, em contradição com ela e ao ser subjugado por ela”.³⁹

Entretanto, o ser humano fragmentado em Adão pós-queda encontrou uma nova realidade existencial em Cristo Jesus, porque “assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, [...] muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos”.⁴⁰ Se toda a humanidade estava na humanidade de Adão, em concomitância, Cristo é a pessoa coletiva que estabelece uma nova realidade na relação do ser humano com Deus e com o outro.⁴¹ É somente por causa dele que a comunhão é restaurada. “O fio de ligação entre Deus e ser humano cortado pelo primeiro Adão é reatado a partir de Deus, mais precisamente ao revelar em Cristo seu amor, não mais como exigência e interpelação, dirigindo-se ao ser humano como puro tu, mas *presenteando-se como eu, abrindo seu coração*”.⁴² Essa é mensagem de restauração contida no evangelho. Não apenas a reconstrução de laços ocorre entre criador e criatura, mas também entre criatura e criatura.

³² BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 65.

³³ TAYLOR, Charles. **As fontes do self**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 633-650.

³⁴ Theological doctrines such as creation, sin and revelation can only be fully understood in terms of sociality. GREEN, Clifford. Human sociality and Christian community. In: GRUCHY, John (Ed.). **The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 113.

³⁵ BONHOEFFER, Dietrich. **A Comunhão dos santos**. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 22.

³⁶ BONHOEFFER, 2017, p. 22.

³⁷ BONHOEFFER, 2017, p. 31.

³⁸ DEJONGE, Michael. **Bonhoeffer's Theological Formation**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 73.

³⁹ BONHOEFFER, 2017, p. 35. Grifo do autor.

⁴⁰ Romanos 5.12,15.

⁴¹ BONHOEFFER, 2017, p. 99.

⁴² BONHOEFFER, 2017, p. 121. Grifo do autor.

Aqui, entra-se num paradigma deveras caro para Bonhoeffer e que fora mencionado rapidamente na parte da liberdade, a relação de interdependência entre o “eu” e “tu”. No relato criacional, Deus só entra em seu descanso após criar e abençoar o primeiro casal. Eva, criada a partir de Adão, está inexoravelmente conectada a ele, e ele a ela. “Portanto, o indivíduo está ligado ao outro de algum modo essencial, absoluto, segundo a vontade de Deus, embora os dois estejam separados um do outro”.⁴³ Tem-se, neste momento, a primeira comunidade. A categorização relacional no Éden não está alicerçada na alienação do outro (em parte ou total), como em sistemas reducionistas ou objetificantes, mas na estrutura verdadeiramente pessoal (por isso, eu-tu).⁴⁴ Novamente, é preciso dar um passo atrás e explicar o que teólogo alemão almeja dizer quando se refere à pessoa. Para ele, uma vez que o “tu do outro ser humano é o tu divino”, é somente no instante em que o indivíduo reconhece a existência do tu do outro, que, de fato, ele se torna uma pessoa.⁴⁵

O problema é que com o pecado e a Queda, essa relação foi totalmente desarticulada – egoísmo, individualismo, desumanização e objetificação do outro, são apenas alguns exemplos das consequências advindas dessa ruptura. A restauração somente ocorre na revelação do amor sacrificial demonstrado na vida, morte e ressurreição de Cristo. “Assim, como só chego a conhecer o “eu” de Deus pela revelação do seu amor; a mesma coisa ocorre com o outro ser humano; é desse ponto que deve partir o conceito de igreja”.⁴⁶

Assim, à igreja cabe o anúncio da revelação de que Nele houve a restauração do “eu-tu” nos planos vertical e horizontal. Como corpo de Cristo, constituída e estabelecida pelo Filho do Homem, fundada no espaço-tempo, a função da comunidade dos santos é, através da vida em comunhão, do amor, da fé, do partir do pão, do discipulado, da liberdade para o outro, testemunhar a todos a nova humanidade⁴⁷ que invadiu a realidade e se fez presente após o evento jesuano. Ou seja, através da sua ação na história, é responsabilidade da igreja ser uma prova visível de que Reino de Deus chegou, ainda que não em sua totalidade.

Neste horizonte, é preciso haver uma clarificação *intracorporeus* capaz de auxiliar a pregação *extracorporeus*. Sob a égide do poder do Espírito Santo, que impulsiona cada pessoa para fora e impede que a comunidade se torne um sistema fechado, a igreja precisa ter consciência da responsabilidade que seu testemunho tem no processo dialógico com os não cristãos. Em outras palavras, o povo de Deus, que habita entre os descrentes, precisa compreender que é semente do Reino de Deus em todo o mundo.⁴⁸ Por isso atitudes e comportamentos importam. A maneira como os evangélicos lidam com os temas delicados na pós-modernidade, como a procriação, ajuda a construir e formatar diante dos não cristãos a imagem dessa nova humanidade em Cristo.

Uma vez postulados e articulados introdutoriamente alguns pilares importantes da teologia bonhoefferiana, no próximo subtópico, procurar-se-á responder a pergunta que motivou esse estudo: os filhos são uma ordem ou uma benção de Deus? Como essa cadeia de pensamento contribui para uma resposta responsável e testemunhal diante do mundo é o que será visto a seguir.

3. A PROCRIAÇÃO PARA BONHOEFFER

Como visto na primeira seção, o pensamento de nomes relevantes dentro da cultura evangélica costuma apontar numa direção pró-procriação. Embora seja verdade que ser pró-procriação não impute

⁴³ BONHOEFFER, 2017, p. 41.

⁴⁴ Bonhoeffer gasta várias páginas descrendo esses sistemas epistemológicos, a saber: metafísico-aristotélico, cristão-estoico, iluminista-democrático-epicurista e sujeito-objeto. Ver BONHOEFFER, 2017, p. 22-39.

⁴⁵ BONHOEFFER, 2017, p. 41.

⁴⁶ BONHOEFFER, 2017, p. 41.

⁴⁷ É muito interessante como Bonhoeffer conecta Romanos 6 à construção da nova humanidade em Cristo. Ver: BONHOEFFER, 2017, p. 120-122.

⁴⁸ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. 12.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2021, p. 10.

um significado de obrigatoriedade, também é assertivo afirmar que certos posicionamentos, como o do teólogo Yago Martins, caminham numa direção de lei e ordenança divina para os seres humanos. Em outras palavras, filhos não são opcionais. Assim, qual a base bíblico-teológica para esse tipo de conclusão?

Curiosamente, o texto mais utilizado pelos defensores desta posição é o mesmo aquilatado pelos que defendem uma posição contrária: Gênesis 1.26-28. A seguir, pode-se observar a tradução da perícopé.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS)	Versículo	Tradução Nossa
וַיִּמְלֹא אֱלֹהִים מִצֶּבֶד הַיָּם וּמִכָּל חַי הָאָרֶץ מִיְּמֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ עֲמֻרָה עֲמֻרָה לְכָבוֹ וְהַיְּבֵשׁוּהָ לְכָבוֹ וְהַיְּבֵשׁוּהָ לְכָבוֹ וְהַיְּבֵשׁוּהָ לְכָבוֹ וְהַיְּבֵשׁוּהָ לְכָבוֹ וְהַיְּבֵשׁוּהָ לְכָבוֹ	26	E disse Elohim: façamos o ser humano com a nossa imagem, conforme a nossa forma, e sujeite os peixes do mar e as aves dos céus e os animais que rastejam sobre a terra.
וַיִּבְרָא אֱלֹהִים אֱדָם וְאִמְרָה וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ	27	E criou Elohim o ser humano como a imagem dele. Como imagem de Elohim o ser humano foi criado. Macho e fêmea os criou.
וַיְבָרֵךְ אֱלֹהִים אֶת הָאָדָם וְאֶת הָאִמְרָה וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ וְהַיְּבֵשׁוּהָ	28	E Elohim os abençoou. E Elohim disse-lhes: frutifiquem-se e multipliquem-se e encham a terra. Dominem e sujeitem os peixes do mar e as aves dos céus e todos o que rastejam sobre a terra.

Como visto acima, após criar os seres humanos, homem e mulher, a divindade abençoou o primeiro casal. É após isso, em especial no versículo 28, que a divergência teológica se inicia. Enquanto o grupo da obrigatoriedade da procriação verá a segunda parte do versículo 28 como uma ordem de Deus à humanidade, um outro grupo de teólogos entenderá que o frutificar, multiplicar e encher a terra só pode ser entendido como consequência da benção de Deus (proferida no início do versículo).⁴⁹

Dietrich Bonhoeffer lida mais diretamente com a questão em duas importantes obras: “Criação e Queda” (1933) e “Ética” (1948). Sua abordagem é construída em cima dos pilares estabelecidos na seção anterior: discipulado, liberdade e comunhão. O teólogo compactua com aqueles que entendem Gênesis 1.28 como uma consequência da benção de Deus, e não como uma ordem.⁵⁰ Ou seja, a fertilidade outorgada pela divindade aos seres humanos nada mais é do que uma demonstração do seu beneplácito. Assim, pensar a procriação em termos de obrigatoriedade é equivocados em três níveis: exegético, teológico e ético.

O primeiro equívoco está no campo exegético. Ora, o que se tem no texto de Gênesis 1.28, em concomitância com o que ocorre em Gênesis 1.22, onde a divindade abençoa os animais aquáticos após a criação, é Deus abençoando os seres humanos com a potência de fertilidade da mesma forma que fez com os outros animais. Para Bonhoeffer, “esta bênção - sejam férteis, multipliquem-se, dominem, subjuguem o mundo - afirma totalmente o ser humano no mundo dos seres vivos, no qual ele foi situado. Aqui se abençoa toda a sua existência empírica, sua condição de criatura, sua mundanidade, seu caráter terreno”.⁵¹ É como se Elohim quisesse deixar claro para a humanidade sua ligação com a criação.

O segundo erro ocorre no campo teológico. Se houve uma ordem direta da divindade para a procriação, ela foi individual ou coletiva? Em outras palavras, foi para cada ser humano em todos os tempos ou para a espécie humana como um todo?

⁴⁹ Existe uma extensa discussão gramatical em torno dos verbos no imperativo que aparecem no texto hebraico. Entretanto, embora estejam no imperativo, eles não se estabelecem como uma lei de Deus, mas sim como uma comissão. Para o desenvolvimento da questão, ver: MIDDLETON, J. Richard. *The Liberating Image: The Imago Dei in Genesis 1*. Michigan: Baker Academic, 2005, p. 50-54, 210-211.

⁵⁰ BONHEFFER, 2020, p. 72.

⁵¹ BONHEFFER, 2020, p. 72.

Parece ser muito equivocado aquilatar o “multipliquem-se” como uma ordem direta de Deus a cada indivíduo humano. Ora, se assim o fosse, cada ser humano teria que subjugar os peixes do mar, as aves dos céus e todos os que rastejam sobre a terra? Isso seria impossível. A segunda opção é um pouco mais bem elaborada, mas ainda falha teologicamente. Se a humanidade tem como obrigação crescer, chegará o tempo em que literalmente não haverá terra livre e todo o espaço físico será ocupado. A natureza, criação de Deus, não teria capacidade de coexistir com os seres humanos nesse tipo de ecossistema. Isso vai totalmente contra a própria teologia de Gênesis 2, por exemplo, que estabelece os seres humanos como responsáveis pela criação. A criação foi criada por Deus para coexistir junto com os seres humanos. Um crescimento *ad infinitum* inviabilizaria qualquer tipo de coexistência entre os dois.

Outro ponto importante seria a própria subsistência humana, como a humanidade conseguiria subsistir ocupando cada milímetro da terra? É bem difícil de imaginar. Ademais, ainda que em algum momento futuro a tecnologia se desenvolvesse e viabilizasse esse tipo de existência, os seres humanos teriam que deixar de crescer exatamente por não haver mais espaço físico para habitação. Por conseguinte, a humanidade passaria, então, a desobedecer uma clara ordem de Deus. Assim, dentro de uma perspectiva teológica, não se configura uma boa teologia compreender o relato de Gênesis 1.28 como ordem, mas sim, em concomitância a Bonhoeffer, como uma benção dada por Deus à espécie humana.

Por fim, existe um erro ético no postulado da ordem. “Foi para liberdade que Cristo no libertou”, essa é uma famosa frase que o apóstolo Paulo utiliza em Gálatas 5.2, e é vital para esse tópico. Liberdade é um tema crucial na teologia que Bonhoeffer faz, como visto na seção anterior. Essa liberdade em Cristo só existe quando se enxerga o outro como alguém por quem Cristo morreu. O discípulo verdadeiro de Jesus é um agente da liberdade (nunca da opressão), porque sabe que é somente nela que a comunhão, que tanto glorifica a Deus, pode surgir.

Neste contexto, é ponto pacífico que existe uma conexão entre discipulado, liberdade, comunhão e casamento. O matrimônio não é apenas um arranjo sociocultural, mas existe porque o próprio Deus quis a sua existência no mundo.⁵² Ele existe para ser um símbolo visível de amor, entrega, comunhão e aliança, e também para que haja um ambiente adequado à geração de uma vida. Por causa disso, os que defendem a obrigatoriedade da procriação argumentam que a própria biologia humana aponta para uma espécie de lei natural estabelecida por Deus na criação. Aqui, chega-se ao grande problema ético: já que há potência de geração de vida nos seres humanos, como há em vários seres na natureza, a recusa pela procriação não seria rejeitar essa lei natural? Não seria criar uma “lei própria”? A recusa em obedecer uma lei biológica criada por Deus não seria pecado?

Primeiramente é preciso esclarecer que embora o casamento sirva como *locus* para geração de uma vida, isso não lhe garante obrigatoriedade de gerar vida. Se assim o fosse, qualquer matrimônio cujo um dos membros, ou até mesmo os dois, não pudesse por razões biológicas gerar um filho, teria que ser desfeito, uma vez que o sentido máximo da relação não seria alcançado. Ter potência de algo não lhe garante obrigatoriedade.

Em segundo lugar, outorgar única e exclusivamente à biologia a definição de humano é reduzir o próprio sentido do que é ser humano. O ser humano é um ser espiritual, racional, emocional e também biológico. Holisticamente, esses componentes se interlaçam e agem em conjunto em qualquer processo avaliativo para um fim desejado. Caso contrário, poderia se dar vazão a todos os desejos puramente instintivos. Por exemplo, o que impede um indivíduo mais forte e maior de assassinar seu filho em uma situação ocasional, ao longo do dia, de fome? Ou uma pessoa de utilizar um meio de transporte para se locomover ao invés de usar as próprias pernas? A resposta para ambas as perguntas, sem dúvida alguma, está pra além da biologia.

Assim, não há uma lei biológica criada por Deus, na qual o não cumprimento resultaria em pecado, mas sim uma benção maravilhosa dada pelo criador aos seres humanos, e que, como tal, deve ser usufruída com responsabilidade, cuidado e apreço. Bonhoeffer é preciso ao dizer que “O desejo de procriação do

⁵² BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 11.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p.132.

ser humano nunca deve ser interpretado como obrigação meramente classista, econômica, religiosa ou biológica. Certamente todos esses aspectos podem e devem ser ponderados na própria escolha, mas não poderá eliminar a livre decisão”.⁵³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a procriação, ainda que parte inexorável da natureza humana, deve ser pensada, como desenvolvido pelo pensamento bonhoefferiano, como uma bênção de Deus. Para a audiência pós-moderna, as palavras de Deus em Gênesis 1.28, “frutifiquem-se”, “multipliquem-se”, “encham a terra”, devem ser pensadas não como ordens frias, mas como bênçãos proferidas ao ser humano.

A igreja brasileira precisa repensar a forma como vem conduzindo a temática. Mesmo que o texto não seja uma ordem clara e direta de Deus à procriação, é inegável que Gênesis 1.28 é uma promessa de bênção, e como tal precisa ser enxergada positivamente – nunca como uma ordem fria e estática, mas sim como um direcionamento existencial estabelecido essencialmente na relação eu-tu.

Se a abordagem precisa ser melhorada, isso significa que há a necessidade de um envolvimento maior de pastores e professores de escolas bíblicas nas comunidades locais debatendo novas possibilidades hermenêuticas. Tratar o assunto sem a devida dedicação e esforço não é benéfico. Pelo contrário, o descaso com a temática ajuda a perpetuar uma visão rígida e acaba, por fim, excluindo os que não se sentem vocacionados – ainda que biologicamente prontos - à procriação.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **Dos bens do matrimônio, a santa virgindade**. São Paulo: Paulus, 2000. Ebook.

AQUINO, Tomas de. **Suma Teológica**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. **A Comunhão dos santos**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

BONHOEFFER, Dietrich. **Criação e queda**. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 11.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. 12.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

BROWN, Anna. **Growing share of childless adults in U.S. don't expect to ever have children**. Disponível em: More childless U.S. adults now say they don't plan to ever have kids| Pew Research Center. Acesso: 19 set. 23.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: UNESP, 2008.

CALVINO, João. **Comentário à Sagrada Escritura: exposição de 1Coríntios**. São Paulo: Paracletos, 1996.

CALVINO, João. **Comentários em Gênesis**. Recife: CLIRE, 2018. v.1. Ebook.

DEJONGE, Michael. **Bonhoeffer's Theological Formation**. Oxford: Oxford University, 2012.

⁵³ BONHOEFFER, 2015, p. 111.

DE WITT, John; JOHNSON, Terry; PORTELA, Solano. **O que é a fé reformada?** Recife: Os Puritanos, 2017.

GONÇALVES, Josué. É pecado não querer ter filhos? Facebook, 30 mar. 22. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=990095041627397>. Acesso: 19 set. 23.

GREEN, Clifford. Human sociality and Christian community. In: GRUCHY, John (Ed.). **The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer**. Cambridge: Cambridge University, 1999.

LEPPIN, Volker. **Martin Luther: a late Medieval Life**. Michigan: Baker Academic, 2017. Ebook.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v.5.

MARTINS, Yago. É pecado não querer ter filhos? Youtube, 19 nov. 19. Disponível em: **É PECADO NÃO QUERER TER FILHOS?** - YouTube. Acesso: 19 set. 23

MIDDLETON, J. Richard. **The Liberating Image: the Imago Dei in Genesis 1**. Michigan: Baker Academic, 2005.

NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo facilitado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2019. Ebook.

SAVAGE, Maddy. **Como a decisão de não ter filhos tem afetado a vida de casais**. Disponível em: Como a decisão de não ter filhos tem afetado a vida de casais - BBC News Brasil. Acesso: 19 set. 23.

SAVAGE, Maddy. **The adults celebrating child-free lives**. Disponível em: The adults celebrating child-free lives - BBC Worklife. Acesso: 19 set. 23.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

TEIXEIRA, Jacqueline. **Revista Mandrágora**, v.18. n. 18, 2012, p. 53-80.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*